

**BAS JAN ADER E JEAN-LUC NANCY,
ou das espumas de um des-astre.**

Flávia Scóz

Resumo: O presente ensaio se propõe a refletir sobre o trabalho do artista Bas Jan Ader a partir da imagem do informe – da espuma – que aparece no nascimento de Afrodite. Para tanto, o ensaio se apoia em alguns conceitos de Jean-Luc Nancy, que constam, principalmente, nos seguintes trabalhos: *El Sentido del Mundo*, *Demanda* e *Noli me Tangere*. A proposta é pensar a espuma como aquilo que resulta da queda, do acaso e do desastre.

Palavras-Chave: espuma, desastre, Bas Jan Ader, Jean-Luc Nancy, queda

Abstract: This paper aims to reflect jointly the work of the artist Bas Jan Ader and the shapeless image – the foam – which appears in the birth of Afrodite. For this, the essay is based on some concepts of Jean-Luc Nancy, contained mainly in the following works: *El Sentido Del Mundo*, *Demanda* and *Noli me Tangere*. The purpose is to think of the foam as what results from the fall, chance and disaster.

Keywords: foam, disaster, Bas Jan Ader , Jean-Luc Nancy, fall.

Bas Jan Ader e a poética da queda

A queda é o movimento que rege grande parte das performances de Bas Jan Ader, em especial sua famosa série *Fall*, composta por seis filmes em 16mm realizados nos anos 1970 entre os EUA e a Holanda. Bas Jan Ader nos expõe o peso do corpo que cai, que se desequilibra, que rola, que despenca, que não se suporta. Neste sentido, pode-se dizer que o artista ensaia uma poética da queda, sobre o que se falará adiante.

Em *Fall I*, um filme com duração de 24 segundos, Ader vai até o alto do telhado de sua casa em Los Angeles. Na cumeeira, senta-se numa cadeira e tenta encontrar um ponto de equilíbrio, mas acaba por provocar a própria queda. Uma espécie de armadilha está montada, à espera do momento de desequilíbrio. Será que ele acredita

que pode superar sua queda, como um equilibrista *Zaratustra* que atravessa a corda bamba do poder? O desejo de cair seria um pretexto para o desejo de se levantar, de emergir refeito, como se na queda houvesse uma transformação lenta e imediata? E de quantas maneiras diferentes é possível cair nessa mesma queda, sempre diferente? É bom lembrar que o acesso que temos às quedas performáticas do artista advém de um registro técnico, ou da reprodutibilidade, para falar com Walter Benjamin. Neste sentido, a queda, única, torna-se, por meio da reprodução, sempre repetível mas nunca repetida. Bas Jan Ader registra uma versão do acaso, de um *lance de dados* (Mallarmè) arremessado à sorte, pois, em teoria, assistimos justamente àquilo que não poderia ser registrado, ou seja, o imponderável de uma queda. Para seguir com Mallarmè, é como se Ader ousasse capturar o exato momento entre um lance e outro, aquele centésimo ou milésimo de segundo em que o corpo já não toca mais o solo firme mas ainda não começou a cair.

Ader nos coloca frente a esse abismo do acaso. O artista quer a queda, mas, ao mesmo tempo, a queda em si é a morte. Ele está diante do precipício e é repelido pela pressão atmosférica. Chega até a borda, vacila e parece querer desistir. Há um mistério que impede a queda – *o tombo, a tumba, o túmulo*¹. Medo de cair com vontade de se jogar. Será possível alcançar esse corpo enquanto ele despenca? Ou para pensar com Ader: será possível conter, ou registrar, mesmo que fugazmente, esse corpo que despenca?



Figura 1- Bas Jan Ader, *Fall I*, 1970. Los Angeles, 16mm, 24''. Foto: (frame) Site oficial do artista.

A poética da queda e o nascimento de Afrodite

O nascimento de Afrodite, deusa do amor, é versado por Hesíodo. Afrodite nasce da espuma. Ela nasce quando Cronos, filho de Urano, atende ao pedido de sua mãe, Terra, e castiga o próprio pai. Urano é castrado no momento do ato sexual, e suas genitálias são lançadas ao acaso. O órgão que despenca do céu, morada dos Deuses, cai no mar. Forma-se uma espuma branca, resultante talvez do impacto da queda, talvez do contato entre o esperma ejaculado e o próprio mar. Nesta segunda possibilidade, o mar é fecundado pelo esperma de Urano – mar, em francês, é *mer* (homofonia entre mar e mãe).

O movimento da queda e a agitação são necessários para que a espuma emerja. Como se fosse necessário despençar para emergir à superfície, um movimento ambíguo em direção ao informe. Há um ensaio de Jean-Luc Nancy, *Peã para Afrodite*, no qual, como sugere o título, é entoada uma ode a essa Deusa, Afrodite, aquela que nasce da espuma.

A profundidade que sobe é o nascimento. A espuma é sempre nascente, somente nascente. Afrodite não tem um nascimento: ela é o nascimento, a vinda ao mundo, a existência. O nascimento exige a espuma. É preciso mesclar e molhar para que nasça a coisa em si [la chose mème]: sua forma inimitável. <<O úmido é a causa para que o seco tome contorno>>, diz Aristóteles (Nancy, 2016, p. 323).

A espuma é o vai-e-vem, isso que não cessa de se oferecer, de dar e de se doar. É o que não cansa de chegar. Isso que excede dos movimentos mais violentos, isso que resta da fricção. A espuma que transborda do copo dos embriagados, o esperma que demarra do corpo, que desborda do mar, que deseja o toque. Para Nancy, a espuma é como uma fenda, lembrando que a fenda não deixa de ser um limiar, espécie de lugar-entre tão buscado por Bas Jan Ader:

O que vem à superfície, e que espuma, é uma fenda. A fenda não é um entalhe, é uma forquilha na alga, é um fruto, um figo entreaberto sobre uma espuma úmida. São lábios lambidos pelo marulho. Nascer: o nome do ser. Ser parido, vir ao aberto de um lugar (Nancy, 2016, p. 322).

A espuma, ou a deusa, é o que provém dessa fenda abismal. A espuma não cai, não afunda, ela emerge, não tem medida nem peso. Essa que está sempre úmida, essa que se agita e ainda assim permanece calma, que não se desespera. A espuma que se desfaz imóvel. Lembremos da expressão serena de Afrodite ao nascer, no clássico

quadro de Botticelli (*O Nascimento de Vênus, 1483*). A espuma está sempre na superfície, vindo beijar os pés dos passantes na areia, com uma brancura ofuscante, anunciando o fundo, *rolando no erro da onda*ⁱⁱ. A espuma está em diversas partes: na crista das ondas, no casco das naus, nos restos do nau-frágil, nos banhos, na força dos remos, nas quedas, na agitação dos líquidos, nos impactos.

Pensar a espuma é pensar o informe, mas, ao mesmo tempo, como a única coisa que pode ser tocada. A espuma é porosa, desprovida de pele. O toque é o atravessamento. Para falar com Nancy, que pensou o toque talvez como uma impossibilidade, remete-se ao livro cujo título aponta para a parábola bíblica, *Noli me Tangere*:

Lo que no debe ser tocado es el cuerpo resucitado. Podemos también entender que no se debe ser tocado porque no puede serlo: no es tocable. Esto no significa, sin embargo, que se trate de un cuerpo aéreo o inmaterial, espectral o fantasmagórico. La continuación del texto, sobre la que volveremos más tarde, mostrará que esse cuerpo es tangible (Nancy, 2006, p. 27).

O corpo sagrado é tangível mas não tocável, é palpável mas não pode ser retido. Nancy faz um percurso pelas representações pictóricas da famosa passagem em que Maria Madalena vê, ou escuta, ou vê porque escuta, Jesus ressuscitado, e este profere a frase que dá título ao livro: *Noli me Tangere*. Não me toques, não queira me tocar, não me retenha. O que o corpo de Cristo impede é justamente o que o contato com a espuma provoca: o atravessamento.

De todos os sentidos, o tato é o mais imprescindível. Temos constatações diárias de pessoas cegas, surdas, mudas e mesmo sem olfato. Cabe pensar, talvez, se é possível uma forma de vida humana que prescindia do tato. Já a leitura que a parábola bíblica tenta impor é que o corpo nunca pode ser plenamente tocado. Mas, se postulamos que a porosidade da espuma permite esse toque, quando de fato é possível dizer que tocamos algo? Ou quando é possível dizer que deixamos algo nos tocar, nos atravessar?

A espuma e o des-astre

Urano é um deus, mas também é um planeta, um astro celeste. Jean-Luc Nancy pensa no desastre etimologicamente. Desastre tem origem latina, *dis-astrum*, contrário aos astros, referindo-se a estrela, que também carrega o radical *strum*. Para algumas culturas, os astros são responsáveis pelo destino das pessoas, e o termo desastre era

evocado quando algo de ruim invadia esse destino. No português, a palavra desastre perdeu sua realação com os astros, ficando seu significado restrito a um acidente ou a uma calamidade.

Neste sentido, o tocar da espuma, fruto do desastre de Urano, é igualmente desastroso. Tocar a espuma não é somente atravessá-la com nossas mãos, é também destruí-la, desfazê-la. Nossas superfícies, embora porosas, repelem o tato a partir de sua aparente inviolabilidade. Prova disso são nossas proteções culturais, como as vestimentas. Resistimos a ser tocados, atravessados. Deixar-se tocar seria permitir uma destruição, um desastre, algo ligado ao movimento dos astros, para novamente *etimar*ⁱⁱⁱ com Nancy:

El desastre es el del sentido: desamarrado de los astros, los astros mismos desamarrados de la bóveda, de su claveteado o de su puntuación titilante de verdad(es), el sentido se escapa para hacer sentido a-cósmico, el sentido se hace constelación sin nombre y sin función, desprovido de toda astrologia, al tiempo que dispersa también las marcas de la navegación, enviándolas a los confines (Nancy, 2003, p. 72).

Desastre dos astros é uma queda, desejo de todo o corpo é cair. Esses volumes celestes por muito tempo nos guiaram e foram a nossa grande referência espacial. Acreditávamos em sua imobilidade. Mas o que na verdade nos guiava era justamente o movimento desastroso desses astros que vagam, de uma vaga a outra, em deriva, na sua própria errância siderada. *Desiderium*, esse desejo de-siderar.

A espuma nasce desse desejo, desse des-astre, dessa queda no acaso. Para lembrar o nascimento de Afrodite, o desastre está na castração de Urano e no lançar de sua genitália ao mar, conforme narra Hesíodo:

O pênis, tão logo cortando-o com o aço
atirou do continente no undoso mar,
aí muito boiou na planície, ao redor branca
espuma da imortal carne ejaculava-se, dela
uma virgem criou-se. Primeiro Citera divina
atingiu, depois foi à circunfluída Chipre
e saiu veneranda bela Deusa, ao redor relva
crescia sob esbeltos pés. A ela. Afrodite
Deusa nascida de espuma e bem-coroadada Citeréia
apelidam homens e Deuses, porque da espuma
criou-se e Citeréia porque tocou Citera,
Cípria porque nasceu na undosa Chipre,
e Amor-do-pênis porque saiu do pênis à luz

(Hesíodo, 1995, s/p).

A genitália castrada de Urano, ou de Céu, é como esse astro que despenca e cai na intimidade do mar – mar-íntimo. E desse íntimo, retido nessa fenda, é que nasce Afrodite. No livro *El Sentido del Mundo*, no parágrafo intitulado *Espacio: Constelaciones*, Nancy aproxima a ideia do desiderar com o movimento do desejo:

Desiderium: la desideración engendra el deseo. Frecuente y manifiestamente, en relación con motivo del deseo, la filosofía – incluso en el psicoanálisis – encaró el tema de la privación. ‘Deseo’ es la palabra que utilizamos para una pérdida infinita del sentido. El deseo no deja de blasonar la verdad filosófica: o bien la verdad en cuanto objeto de deseo, se constituye en falta estructural, en abismo o en lugar vacío, o bien el deseo es él mismo lo verdadero que esencialmente perfora y vacía (Nancy, 2003, p. 74).

Siderar é sofrer influência dos astros. Se desejo, em francês *désire*, está contido em *desiderium*, do latim, desiderar poderia ser abdicar dessa influência, poderia ser esse desastre. Na extensa nota de rodapé indexada à palavra *desideración*, da citação acima, Nancy faz um apanhado dessa *polimorfia do desejo*, e inicia um diálogo com Deleuze e Guatarri, em *Lógica do sentido*, para falar do desejo como falta, como privação. Nas palavras de Nancy: “El sentido es lo que se forma y se despliega hacia la superficie” (Nancy, 2003, p. 74). Sentido se aproxima de Espuma, isso que se forma e se desdobra até a superfície. Na mesma nota o autor continua: “El desiderium es precisamente la discontinuidad del reverso y del anverso, y la melancolía de no encontrar en la superficie otra cosa que la pérdida o la falta o lo que se les demandaba a las profundidades” (Nancy, 2003, p. 75). A espuma é o que podemos encontrar na superfície. Mas a espuma é a fenda, é o abismo informe, aquilo que, embore toque, atravessa e não se deixa reter.

“A profundidade se levantou em superfície...” (Nancy, 2016, p. 324). É assim que começa o último parágrafo de *Peã para Afrodite*. A espuma é a abertura da profundidade. Não é a superfície que despenca, e sim a profundidade que se eleva, que se abre na fenda escumada, que se revela. A espuma é o desejo da profundidade de ser tocada. A espuma esconde um desejo de profundidade.

A Espuma e Bas Jan Ader

Bas Jan Ader é provavelmente mais conhecido (ou lembrado) pelo seu último trabalho *In Search of the Miraculous*. Trata-se de uma performance dividida em três

partes e interrompida misteriosamente durante sua execução. Ader desaparece quando tentava, sozinho, à bordo de um veleiro de 12 pés, cruzar o Atlântico, saindo dos EUA rumo à Holanda, num movimento de retorno à sua terra natal, à sua Ítaca. Após cerca de 40 dias, Ader deixa de estabelecer contato por rádio, e seis meses depois sua nau é encontrada semi submersa perto do arquipélago dos Açores. O mar-armadilha com suas sereias sedutoras, suas espumas desejosas, será esse o milagre que Bas Jan Ader procurava na sua odisseia de retorno? Depois da tentativa de reter o instante exato e inapreensível da queda, será que Ader, desta vez, tentou o milagre de reter a porosidade da espuma?



Figura 2- Bas Jan Ader, *In Search of Miraculous*, 1975. Foto: Site oficial do artista.

Querer gozar da superfície do raso e temer o fundo, um oceano, o desejo daquele que navega, próprio do homem do mar, o oceano desconhecido, o encontro com as sereias. A busca por Ítaca falha, e o artista desaparece, provando ser impossível cair ou atravessar esse vazio-oceano e chegar a um porto seguro.

E aqui se estabelece outro ponto de intersecção entre as performances de Bas Jan Ader e o des-astre da espuma, esse desejo pelo informe que parece reger os movimentos do artista. Isso na medida em que pensamos a espuma como essa matéria que se forma na superfície dos líquidos, que emerge, que provem da agitação, da colisão, da queda do astro genital de Urano. É possível, assim, aproximar as performances da queda com a performance mortal do naufrágio. Quanta espuma o barco de Ader desbordou, quanto rastro escumado deixou o seu desaparecimento? Afundar não poderia ser também cair?

Referências Bibliográficas:

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Trad.: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010.

HESÍODO. *Teogonia, A Origem dos Deuses*. Trad.: Jaa Torrano. Sao Paulo: Iluminuras, 1995.

MALLARMÉ, Stéphane. “Um Lance de Dados”. In: ____ *Divagações*. Trad.: MALLARMÉ, Stéphane. Um Lance de Dados. In: ____ *Divagações*. Trad.: Fernando Sheibe. Florianópolis: UFSC, 2010.

NANCY, Jean-Luc. “Peã para Afrodite”. In: ____ *Demanda*. Trad.: Eclair Antonio Almeida Filho e Dirlenvalder Loyolla. Florianópolis-Chapecó: UFSC-Argos, 2016, p. 311-324.

_____. *El Sentido del Mundo*. Trad.: Jorge Manuel Casas. Buenos Aires: la marca, 2003.

_____. *Noli me Tangere*. Trad.: María Ortega e Agustín Tobajas. Madrid: Trotta, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas: vol I (Coleção Os Pensadores)*. 4º ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

Notas:

ⁱ Jogo de palavras usado por Didi-Huberman em *O que vemos, o que nos olha*. Ver referência ao final.

ⁱⁱ Leitura possível do original francês *court sur son erre*, conforme nota do tradutor para o espanhol.

ⁱⁱⁱ Segundo os tradutores ao português, trata-se de um verbo cunhado por Jean-Luc Nancy que provém de *étymon* [étimo], ligado à etimologia. O equivalente em português seria *etimar*.